



Desesperados por enriquecer

Por décadas, os estudantes universitários chineses acalentaram o sonho de trabalhar numa estatal e garantir a segurança da família. Hoje, eles querem ter um negócio e ficar milionários

TIAGO LETHBRIDGE



**YIN MINGSHAN,
DONO DE UM DOS
MAIORES GRUPOS
PRIVADOS DA
CHINA: DA POBREZA
ABSOLUTA A UM
FATURAMENTO
DE 1,6 BILHÃO DE
DÓLARES**

O EMPRESÁRIO YIN MINGSHAN, DONO DE UM DOS MAIORES grupos privados da China, cresceu num país onde cultivar tendências capitalistas era crime punido com prisão. Tornou-se um fora-da-lei aos 13 anos, quando tomou 50 centavos emprestados, comprou um punhado de agulhas e passou a vendê-las de porta em porta. Sete anos depois, o governo lançou seus tentáculos ideológicos sobre Yin, que foi acusado de trair a pátria, julgado e preso — condenado a passar o resto da vida nos campos de reeducação criados por Mao Tsé-tung para desvirtuados como ele. Ficou na cadeia durante as duas décadas em que os desvarios maoístas atingiram seu apogeu. Em 1979, foi avisado de que sua prisão havia sido apenas um mal-entendido. Estava livre. “Somente nesse dia vi que poderia voltar a ser uma pessoa normal”, disse Yin a EXAME na sede do grupo Lifan, hoje um dos maiores fabricantes de motocicletas da China. Para seu espanto, a realidade encontrada na saída do cárcere era totalmente diversa da anterior. Arrasada por três décadas de obscurantismo econômico e fanatismo político, a China estava nos primeiros estágios da transformação que a tornaria o motor do crescimento mundial. Uma transformação resumida assim por seu mentor, Deng Xiaoping, sucessor de Mao. “Pobreza não é socialismo”, disse Deng, do alto de seu metro e meio de altura, num discurso célebre. “Ser rico é glorioso.” O governo começava, de forma tímida, a incentivar quem queria ter seu negócio. Se antes era crime, enriquecer tornou-se obsessão nacional. E para quem tinha tendências capitalistas, como Yin Mingshan, era mais fácil chegar lá.

Trinta anos depois, as histórias dos primeiros empreendedores são repetidas como mitos de formação dessa nova China. Alguns dos mais bem-sucedidos empresários chineses dessa época começaram do zero absoluto, sem dinheiro ou preparo acadêmico. O ex-presidiário Yin Mingshan fundou a Hongda, sua modesta oficina mecânica, em 1992 (o nome não é coincidência). Tinha nove funcionários e começou a se dedicar com afinco à nobre arte da engenharia reversa (desmontar equipamentos para aprender a montá-los). Logo conseguiu produzir cópias das motos japonesas e vendê-las pela metade do preço. Hoje, aos 70 anos, tem 14 000 funcionários, também faz carros e fatura 1,6 bilhão de dólares por ano (após um processo movido pela Honda, trocou o nome da empresa para Lifan). Outros casos de sucesso a partir do nada são famosos. Li Dongsheng vendia fitas magnéticas num fundo de quintal nos anos 80. Hoje é dono da maior fabricante de TVs do mundo, a TCL. E Zong

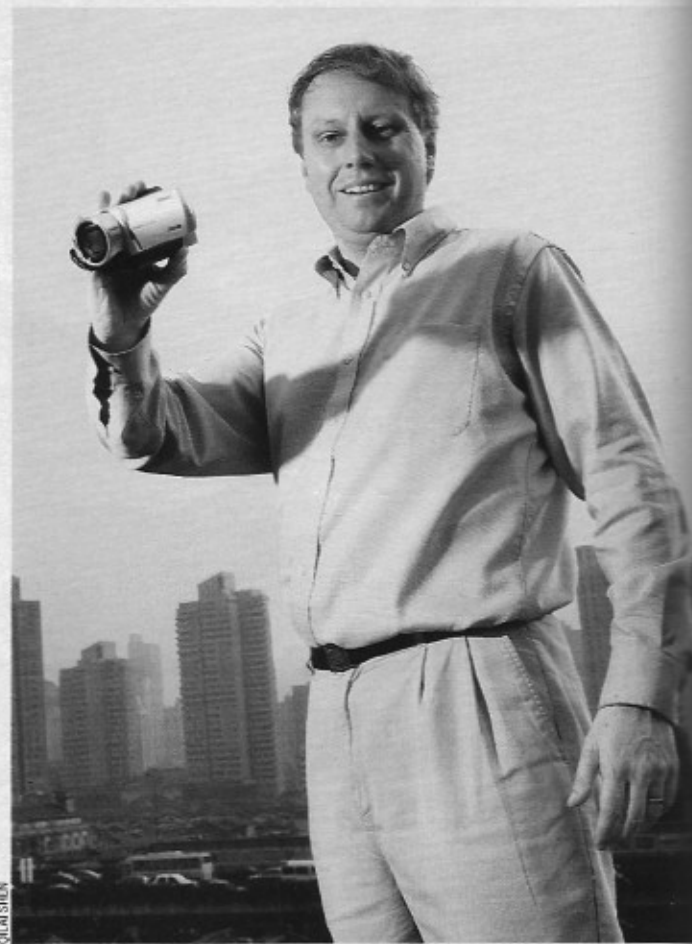
Qinghou vendia sorvetes nas ruas há 20 anos. Hoje é dono da Wahaha, gigante nacional de bebidas. Esses empresários pioneiros formam a elite da economia chinesa e vivem o apogeu de seu poderio financeiro. O país tem 42 representantes na lista dos homens mais ricos do mundo da revista americana *Forbes*. Há cinco anos, não tinha nenhum.

Quando o professor Robert Barro, da Universidade Harvard, afirmou que a China era o país mais capitalista do mundo, estava evidentemente fazendo uma provocação. Afinal, o país está muito longe de ter instituições sólidas ou um mercado financeiro sofisticado. Mas quem visita a China hoje vislumbra o fundo de verdade dessa frase. Os chineses estão desesperados para aproveitar a onda de crescimento que transformou o país nos últimos 25 anos. Mais de 400 milhões de chineses deixaram a miséria no período. E essa onda de geração de fartura deu origem a uma classe social que não existia antes: os milionários. A China tem hoje 345 000 deles, número que vem crescendo 7% ao ano. E qual é a graça de fazer parte desse clube sem que todos saibam disso? Em Xangai, Pequim ou Shenzhen, Porsches, Ferraris e similares fazem parte da paisagem. Na década de 90, a participação da China no mercado mundial de artigos de luxo era irrelevante. No ano passado, chegou a quase 15% (veja quadro na pág. 66). Uma forma anedótica de mergulhar nessa área da psique chinesa é observar sua curiosa relação com o número 8. A pronúncia da palavra "oito" lembra a da palavra "riqueza", e leva-se essa semelhança a sério. Muito sério. Acredita-se que o número sirva como ímã de dinheiro. Placas de carro com o número 8 podem custar mais que os próprios carros. O telefone 8888-8888 foi vendido por quase 300 000 dólares. E não é à toa que os Jogos Olímpicos começarão às 8 horas, 8 minutos e 8 segundos do dia 8 de agosto de 2008 — até o Partido Comunista se rende ao poder do 8. Na hierarquia numerológica local, até mesmo o 9, que simboliza vida longa, perde para o rival. A maior preocupação dos chineses é ganhar dinheiro: se a vida vai ser longa ou curta, é um problema para resolver depois.

ESSE ESTADO MENTAL CAUSOU UMA MUDANÇA na forma com que os chineses encaram o risco. Até os anos 90, os estudantes universitários acalentavam o modesto sonho de trabalhar numa estatal, ter estabilidade e garantir a segurança da família. A enxurrada de exemplos de empreendedores e os anos de crescimento, porém, incendiaram a juventude chinesa, que passou a nutrir sonhos mais ambiciosos. Como os séculos mostram, no capitalismo ganha mais quem arrisca mais — e os chineses, agora, estão dispostos a tentar. "Se camponeses sem instrução alguma conseguiram, minha geração tem obrigação de fazer melhor", diz Lan Haiwen, um xangainês de 35 anos e dono de três diplomas universitários. Ele largou o emprego de vice-presidente de uma multinacional para arriscar tudo numa produtora de games. Faliu e perdeu o que tinha. Na segunda tentativa, as coisas começaram a melhorar. Sua empresa, a Ultizen, já recebeu investimentos de 7 milhões de dólares em três anos. "Os chineses foram contidos por muito tempo", afirma. "Quando fomos liberados, a coisa explodiu." Seu plano é chegar ao bilhão de dólares em dois anos — algumas centenas de milhões de dólares, diz, "não interessam". Histórias como a de Lan se espalham pelas principais cidades da

ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS EM PEQUIM: A CHINA É HOJE UM DOS MAIS FERVILHANTES CELEIROS DE EMPRESÁRIOS DO PLANETA

O HOLANDÊS VAN DER CHIJS, FUNDADOR DE UM SITE SEMELHANTE AO YOUTUBE: CLIMA PROPÍCIO AOS NEGÓCIOS ATRAI MUITOS ESTRANGEIROS





O DINHEIRO VEM DO VALE DO SILÍCIO

Investimento de fundos de venture capital na China nos últimos cinco anos (em bilhões de dólares)

2003	★★★★★	0,992
2004	★★★★★★	1,269
2005	★★★★★★	1,173
2006	★★★★★★★★	1,777
2007	★★★★★★★★★★★★	3,180

Fonte: ZeroIPO

A CHINA TEM HOJE 345 000 MILIONÁRIOS, UM NÚMERO QUE VEM CRESCENDO A UM RITMO DE 7% AO ANO

China e transformaram o país num dos mais fervilhantes celeiros de empresários do mundo. “Dizem que os melhores empreendedores são pobres, espertos e sedentos por dinheiro”, diz James Liu, um MBA por Stanford que voltou a Pequim para abrir sua empresa de internet. “Nós somos tudo isso.” Sua companhia, a Oak Pacific, é o maior grupo de capital fechado da internet local.

Essa atitude é movida também por um imenso otimismo em relação ao futuro. Há, na China, a percepção de que se vive uma era de oportunidades única: é a hora, portanto, de apostar alto. O clima é tão propício ao empreendedorismo que atrai até mesmo estrangeiros em busca de sua chance de criar fortuna. O holandês Marc van der Chijs é o melhor exemplo dessa tendência. Alto executivo da montadora DaimlerChrysler em Xangai, ele percebeu que a maneira mais fácil de enriquecer era ter seu próprio negócio. Separou 100 000 euros, juntou-se a um amigo chinês e fundou o Tudou, uma espécie de YouTube local. Rapidamente, virou o maior portal do gênero do país — sob alguns aspectos, é maior até mesmo que o próprio YouTube. Tem 3 bilhões de vídeos armazenados. O fenômeno Tudou já recebeu quase 80 milhões de dólares em investimentos de fundos de venture capital, aqueles destinados a empresas em estágios iniciais. O último aporte, em abril, somou 57 milhões de dólares, o maior

desembolso já feito por um fundo de venture capital numa empresa de internet chinesa. “Vi que era aqui que as coisas estavam acontecendo”, diz ele. “E a liberdade para abrir um negócio na China é total.” Chijs quer fazer a abertura de capital do Tudou em menos de dois anos e espera que o valor de mercado da empresa atinja patamar semelhante ao que o Google pagou pelo YouTube, 1,65 bilhão de dólares.

Empresas privadas sempre tiveram na China uma imensa dificuldade de levantar recursos, já que os bancos só tinham olhos para as megaestatais ou para empresários com conexões no governo. Essa situação, embora amenizada, perdura até hoje. Há, porém, uma grande diferença. Como o caso do Tudou demonstra, os jovens empreendedores chineses têm à sua disposição algo com que seus predecessores nem sonhavam: capital. Todos os grandes fundos de venture capital dos Estados Unidos abriram nos últimos anos escritórios na China, o que dá aos empreendedores a chance de financiar seu crescimento sem beijar a mão dos bancos estatais. O volume de investimentos desse tipo vem quebrando recordes ano a ano. Segundo a consultoria especializada ZeroIPO, foram investidos 3,2 bilhões de dólares por fundos de venture capital em 430 empresas chinesas no ano passado, 70% mais do que em 2006. E, nos primeiros meses de 2008, o volume dobrou. Como acontece tipicamente em economias sofisticadas, esse tipo de investimento é o primeiro passo de um caminho que termina na abertura de capital. No ano passado, 242 empresas chinesas emitiram ações, 32 a mais do que no ano anterior. “Quem quer crescimento tem de estar no mercado chinês”, diz Pat Hedley, diretora do General Atlantic, fundo americano que já investiu em 12 empresas chinesas, entre elas a fabricante de computadores Lenovo.

De longe, o setor de alta tecnologia é o que atrai mais inves-



ABERTURA DE CAPITAL DA VISIONCHINA MEDIA: DOIS ANOS E MEIO ENTRE A FUNDAÇÃO DA EMPRESA E A IDA À BOLSA

ELES CHEGAM À NASDAQ

1º
Israel

69

2º
China

60

A China é o segundo país estrangeiro com maior número de empresas listadas na bolsa de tecnologia americana

timentos desses fundos. Foram quase 2 bilhões de dólares no ano passado. Essas empresas são formadas por jovens, muitos deles vindos de uma pós-graduação no exterior. Para incentivar a criação de empresas high-tech, o governo chinês criou o seu Vale do Silício. Com 232 quilômetros quadrados, o Parque de Ciências Zhongguancun, no noroeste de Pequim, é a maior incubadora de empresas de tecnologia do país. Há 20 anos, um grupo de professores da Universidade de Pequim começou a montar seus negócios na região, e o governo enviou Wen Jiabao, então um burocrata em ascensão, para investigar o que estava acontecendo. Em vez de punir os professores, como era esperado, Wen — atual primeiro-ministro chinês — gostou da idéia. Decidiu criar um parque onde pequenos empresários pu-

dessem dar seus primeiros passos de forma mais segura. Atualmente, mais de 20 000 companhias têm sua sede lá e empregam cerca de 600 000 pessoas. Elas são atraídas por uma série de condições favoráveis. Para começar, a burocracia é menor. Leva-se apenas uma semana para abrir uma empresa no parque, um quinto do tempo normal. Há ainda vantagens financeiras. Quem apresenta um projeto de alta tecnologia ganha três anos de isenção de impostos. O resultado é impressionante. Hoje, 60 empresas chinesas têm capital aberto na Nasdaq, bolsa de tecnologia americana (o Brasil tem apenas uma, a rede de TV por assinatura NET). E metade delas nasceu em Zhongguancun, entre elas o site de busca Baidu, fundado por Robin Li.

Criar parques como Zhongguancun é a forma que o governo



**ROBIN LI,
FUNDADOR
DO BAIDU,
O GOOGLE
CHINÊS:
UMA DAS
60 EMPRESAS
DO PAÍS
COM CAPITAL
ABERTO
NA NASDAQ**

ao IPO, passaram-se apenas dois anos e meio”, diz Dina Liu, executiva contratada para coordenar a abertura de capital. A empresa vale 800 milhões de dólares. Por outro lado, quem não tem as conexões para conseguir uma mão-zinha governamental tem de se virar sozinho. O empreendedor Steve Chao tentou por anos um acordo com a monopolista e estatal China Mobile para explorar o imenso mercado formado pelos quase 600 milhões de usuários de celular do país. Em vão. “Não conseguia chegar a quem toma decisões”, diz ele. A solução foi criar uma tecnologia que driblasse o monopólio. Ele é dono da Pioco, uma companhia que transmite anúncios para celular por meio da tecnologia Bluetooth e vai faturar 10 milhões de dólares em 2008. “Com essa inovação, conseguimos fugir do alcance da China Mobile.”

Em seu livro vermelho, Mao Tsé-tung analisou da seguinte forma a população chinesa: “À parte suas outras características, o que mais se destaca sobre os 600 milhões de pessoas da China é serem ‘pobres e vazias’. Talvez isso pareça ruim, mas, na verdade, é bom. A pobreza dá origem ao desejo de mudança, ao desejo de ação e ao desejo de revolução.” Os co-



encontrou para estimular o espírito empreendedor dos chineses e, ao mesmo tempo, mantê-lo sob controle. Apesar de ter sido criada por um grupo de engenheiros, a Lenovo, por exemplo, tem o Partido em seu bloco de controle. Isso mostra como o governo chinês continua sendo o maior protagonista da cena econômica local, mesmo entre empresas privadas — num país repleto de monopólios, uma decisão estatal pode resultar no sucesso absoluto ou no fracasso completo de uma companhia. A VisionChina Media se deu bem nesse quesito. A empresa, uma espécie de rede de TV que transmite para telas de LCD instaladas em ônibus e metrô, ganhou uma autorização para dominar o setor. Espalhou 42 000 telas de TV em 15 cidades e conseguiu um feito: tornou-se a empresa a ir mais rápido para a Nasdaq. “Da fundação

comunista da China de hoje fazem uma análise diferente. O próprio Yin Mingshan, preso por Mao por duas décadas, sente-se confortável expondo a bandeira do Partido Comunista Chinês em sua mesa. Por paradoxal que seja, o lema desse comunista é o seguinte. “Quanto menos o governo se meter nos negócios, melhor”, diz. Embora o terreno para a evolução nesse aspecto seja enorme na China, a transformação que Yin presenciou desde que deixou a prisão foi maior do que o mais otimista empreendedor poderia esperar. E o erro de diagnóstico de Mao, que teima em sobreviver até mesmo em países distantes, talvez tenha sido justamente esse. Nações pobres, como a China e o Brasil, querem mesmo é ficar ricas — e uma das melhores formas que o governo tem para ajudar é sair da frente de quem sabe o caminho das pedras. ■